

22 MAR 1987

Sociedade anônima

anc

"Somos sócios", costuma responder o deputado Ulysses Guimarães diante de insinuações sobre atritos no seu relacionamento com o presidente José Sarney. De uma audiência com o presidente, ele, certa vez, saiu dizendo: "Foi uma conversa de namorados". A vida conjugal, porém, está cada vez mais pontilhada de atritos, devidamente disfarçados. Um disfarce que, aos poucos, vai-se desfazendo para deixar claro que o presidente do PMDB quer ser presidente da República.

Não foi à toa que Sarney comemorou discretamente a vitória do senador Mário Covas na disputa pela liderança do PMDB na Constituinte; Ulysses perdeu espaço e, ao mesmo tempo, cresceu um de seus principais amigos no Congresso, o senador José Richa. Num desabafo recente, Sarney chegou a reclamar que sempre conversava com uma ponta de desconfiança com Ulysses, por temer que, por trás das articulações do PMDB, estivessem em ação movimentos para coagi-lo. Este rogado chegou aos ouvidos de quem deveria e, coincidência ou não, Ulysses passou a defender um mandato presidencial de cinco anos — pelo menos publicamente.

"O Ulysses quer diretas já", diz o deputado Jayme Santana, íntimo amigo de Sarney. A área de atritos envolve a econo-

FOLHA DE SÃO PAULO

mia. Sarney gostaria de ver os professores João Manoel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo, os principais assessores de Fumaro, ajudando a vida acadêmica de Campinas, na Unicamp, longe de Brasília. E sabe que não contará com o apoio de Ulysses, que enxerga nos dois assessores os elaboradores da política econômica do PMDB.

Lentamente, Sarney começa a deixar nas costas do PMDB a responsabilidade pela manutenção ou não do ministro Fumaro e de seus assessores — aliás, um aborrecido Fumaro, que não foi convidado para o almoço de ontem, em São Paulo, encontrou-se de manhã com o presidente do PMDB, em Brasília.

Já está em andamento mais um lance para que Sarney não fique exposto ao que se chama no Palácio da "ditadura de Ulysses". O presidente vai visitar os governadores em seus Estados, aos quais pretende levar a reforma ministerial em troca de apoio político — o que depende, tanto os cargos como o apoio, do domínio dos governadores em relação às suas respectivas bancadas no Congresso.

Gilberto Dimenstein